

M495 - Roub = 14.10.61

L'OFFICIEL N° 5, maio 59

Rubem Braga

COM DESENHOS DE CARLOS THIRÉ

CM 24.10.52

verão, e do passo daquela mulher, o som de seus saltos altos no piso do corredor. O menino abriu a porta, deixou a valise, perguntou se ele precisava de alguma coisa. Não.

Sôzinho, fechou a porta por dentro e abriu uma janela. Abriu-a como antigamente, só uma banda e apenas a metade, prendendo-a com uma ponta da cortina dobrada. Olhou a casa do outro lado da rua; viu, então, que estava pintada de novo; não saberia dizer se a sua côr antiga era outra ou aquela mesmo. Lá embaixo, na calçada, um menino ruivo olhava, com uma atenção absurda, uma vitrina pobre e sem graça, com chapéus e luvas de mulher.

Voltou-se para o interior do quarto. Era o mesmo papel de parede, a mesma grande cama, e o imenso armário escuro e a poltrona, a mesinha. Entrou no banheiro, deu alguns passos, voltou, andou pelo quarto, como se procurasse vagamente alguma coisa.

O quarto lhe parecia de algum modo menor. Deitou-se na cama vestido, cerrou os olhos. Podia ouvir os passos de alguém que subia a escada lá dentro; mas mesmo que fôsse há 5 anos atrás êsse ruído não o sobressaltaria; não podiam ser os passos de sua amada, eram os de alguém que pisava mais devagar e menos firme. Lembrou como reconhecia seus passos na escada, depois nos ladrilhos do corredor; quando êle abria a porta e ela entrava seus saltos faziam um ruído mais baixo e mais grave nas tábuas do assoalho. Admirou-se de ter guardado de memória tão nitidamente êsses sons, e também a visão daquele vestido azul, que entretanto êle nunca achara muito bonito. Mas era de ves-

tido azul que a revia, avançando pelo corredor, atravessando a zona mais iluminada pela claraboia, que então avivava a côr de seus cabelos e do vestido. Um vestido azul avançando, vindo para êle — e os olhos, e a boca — "eu me atrasei muito?"

Levantou-se, sabendo que fazia uma coisa absurda, infantil, abriu a porta, como se a esperasse ver no corredor.

Quem o visse fazer essas coisas, e soubesse daquele romance antigo pensaria que êle estava louco de saudades. Sorriu a essa idéia. Na verdade tudo passara; cada um seguira um rumo na vida, êle tivera outros amôres, e haviam-lhe contado que ela também. Mas tendo de passar um dia naquela cidade lhe dera na fantasia, quando saltava do avião, de ir para aquêlê hotel modesto na ruazinha quieta, que ninguém conhecia, naquele bairro pouco falado da cidade imensa. Pegou o telefone, pediu papel para escrever. Quase na mesma hora se arrependeu. O garôto veio trazer-lhe o papel e o envelope com o timbre do hotel. Pensara em lhe mandar um bilhete qualquer, com uma saudação convencional, só para que ela visse o nome do hotel, soubesse que êle estivera ali. Podia mesmo, atrás do envelope, onde se põe o nome do remetente, escrever seu nome, o hotel, e acrescentar; apartamento 18 //

Refletiu um instante: era um gesto sem sentido, depois de tanto tempo de silêncio. Fazer aquilo seria uma impertinência, uma indiscrição — essa espécie de indiscrição que consiste em lembrar um segredo antigo, já sem razão de ser. Ela talvez achasse graça; mas seria pouco delicado, quase uma brincadeira de mau gôsto, lembrar o quanto ela fôra sua. Deixou o papel sôbre a mesa, saiu, fechou a porta e desceu a escada, parou um instante na portaria para deixar a chave e seguiu pela rua calma caminhando para a praça movimentada onde tomaria um táxi. Caminhando devagar, muito devagar, como se ela tivesse ficado lá no apartamento 18, e lhe custasse abandoná-la.

R.B.

TEATRO

EMÍLIO MOURA

*E a lua subiu como um papagaio de papel
e ficou à espera de que as estrêlas fizessem o mesmo.
Porém o ponto berrou para que o bailado principiasse.
E a lua serena,
serena,
num ritmo pobre,
subia e descia,
rolava, caía, subia, serena,
como um papagaio de papel que não obedecesse ao ritmo da linha,
como um papagaio bêbedo.*

*Então as estrêlas apareceram fantasiadas de oréadas,
e rodearam a lua
de gaze,
de vozes,
de sombra...*

*E o pano caiu rápido sôbre a apoteose
e sôbre o olhar malicioso da critica.*

Emílio Moura, poeta mineiro, faz parte da geração que costumava reunir-se, há muitos anos, no "Café Estrêla", em Belo Horizonte: êle, Carlos Drummond de Andrade, Milton Campos, João Alphonsus, Gustavo Capanema, Pedro Nava e outros. Já publicou diversos livros de poemas, todos muito louvados. "Teatro" é o último poema do livro "Ingenuidade", que marcou a estrêia de Emílio Moura, em 1931.



O APARTAMENTO 18

O homem da portaria ia escrever um número diante de seu nome, mas êle o deteve:

— Por favor... o apartamento 18 está livre?

O homem correu os olhos pelo livro:

— Está. Mas temos um melhor, o 34.

— Prefiro o 18. Já morei aqui, há muitos anos...

Foi com emoção que subiu, precedido do garôto de uniforme que levava sua valise, a escada velha e escura. Depois o corredor. No meio do corredor, uma claraboia fazia uma zona de luz — e então êle se lembrou distintamente da mulher que cinco anos atrás viera tantas vêzes ao seu apartamento no hotel, se lembrou de um certo vestido azul de

58